

Brincando com os Animais: A Poesia Popular na Sala de Aula

Mestranda Andréia Maria da Silva Lopes (UFCG)ⁱ
Mestrando Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros (UFCG)ⁱⁱ

Resumo:

Entre as obras literárias dirigidas ao público infantil, a poesia é uma produção que precisa ser mais vivenciada. Acreditamos que a sala de aula é um espaço onde pode ser feita a aproximação do jovem leitor com o texto poético. Um caminho para essa formação literária é vivenciar a leitura da poesia popular, visto que as crianças tem uma aproximação com esse universo nessa etapa da vida. Assim sendo, este trabalho objetiva fazer algumas considerações sobre a poesia infantil e sua relação com a escola. Em seguida, sugerir uma metodologia de trabalho com a poesia popular na sala de aula, trazendo antologias de sextilhas com a temática dos animais. As reflexões do trabalho serão feitas a partir das postulações teóricas de alguns autores, como: Bordini (1991), Gebara (2002), Pinheiro (2000, 2007), Pinheiro e Lúcio (2012) e Sobrinho (2003).

Palavras-chave: Poesia, Literatura de cordel, Formação do leitor.

1 Introdução

Dentre as obras literárias dirigidas ao público infanto-juvenil na escola, a poesia é uma produção que precisa ser mais vivenciada, pois algumas pesquisas (Pinheiro, 2007; Pinheiro & Lúcio, 2012) evidenciam que o poema é o gênero menos contemplado na sala de aula. No entanto, esquecemos que o contato com a poesia na infância é mantido desde cedo, pois essa experiência está no seio popular com as cantigas de ninar, com as brincadeiras de roda e tantas outras brincadeiras de criança. Dessa forma, a escola é um espaço onde pode ser feita essa aproximação entre a poesia infantil de origem popular e a poesia infantil erudita.

A brincadeira propiciada a partir da leitura desses poemas é permitida por algumas particularidades da poesia, como o seu uso diferenciado do código linguístico. Então, a criança se encanta pelos sons, pelos ritmos propiciados pelas repetições e pelas ilustrações, que dialogam e colorem o texto escrito, permitindo que ela desfrute das funções que a poesia possa lhe trazer, sem precisar adentrar nos conceitos ou em didatismos.

O professor, portanto, é uma figura importante nessa articulação da poesia na escola, sugerindo obras de autores variados que podem ser lidos e apreciados pelas crianças. No entanto, essa leitura não pode ser feita de qualquer jeito, mas necessita respeitar algumas particularidades, que pode ser conseguida com um trabalho metodológico diferenciado dos trazidos em exemplares didáticos.

Refletindo um pouco sobre essas questões, o nosso trabalho objetiva, em um primeiro momento, tecer algumas considerações sobre a poesia infantil e sobre a sua relação com a escola. E ainda, refletimos sobre a poesia infantil de origem popular. Em um segundo momento, saindo da parte mais teórica, adentramos nas sugestões metodológicas de trabalho com a poesia na sala de aula. As discussões de todo o trabalho serão feitas a partir das reflexões teóricas de alguns autores, como: Bordini (1991), Gebara (2002), Pinheiro (2000, 2007), Pinheiro & Lúcio (2012) e Sobrinho (2003).

2 Poesia infantil e escola

A figuração da poesia na escola, ainda não adquiriu o espaço e o significado merecido, pois os versos só aparecem, na maioria das vezes, nas apresentações em datas comemorativas ou folclóricas. De posse desses descompasses, é preciso proporcionar aos nossos alunos a vivência com o texto poético. Para tanto, temos que buscar respostas para a pergunta: Por que a leitura de poesia é essencial na escola?

Para respondermos de forma significativa essa pergunta podemos lembrar as palavras de T. S. Eliot, nas quais fala da função social da poesia:

Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, (...) há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade (ELIOT *apud* PINHEIRO, 2007, p. 22).

A sensibilização, talvez, seja uma das palavras-chave para o trabalho com a poesia em sala de aula. Um caminho que é permeado por alguns empecilhos, pois sendo o professor um dos principais agentes para a sensibilização desse leitor, na maioria das vezes, não é um leitor de poesia, pois como complementa Pinheiro (2007, p. 22) “a experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor”.

A poesia para ser ensinada na sala de aula com o objetivo de formar leitores precisa se passar por uma reflexão sobre o trabalho metodológico. Adotar novas posturas devem se tornar hábitos, possibilitando um encontro diferenciado do leitor com esse texto.

Neste contexto, Gebara (2002) traz algumas reflexões interessantes sobre a leitura de poesia na escola. Para a autora, a imagem do que seja leitura nesse ambiente se dá a partir da convivência com os textos na escola, que pode ser tida com a resposta das seguintes questões: “como os professores tratam esse material; o que ele representa para os docentes; o quanto ele é utilizado; a possibilidade de circulação desse texto; de que modo ocorre o contato individual

com ele” (GEBARA, 2002, p. 22).

Os aspectos elencados pela autora, em geral, pode ser também estendido para a leitura de poesia, pois o hábito de conviver com o texto poético deve fazer parte do cotidiano dos mediadores de leitura, de forma que se desenvolva a consciência nos alunos de que a leitura não se limite a escola, mas que consista em um ato também gratuito.

No entanto, o que se observa na leitura de poesia na escola é que o poema é marginalizado nas aulas de Língua Portuguesa, pois se prioriza o ensino de elementos linguísticos ou se utiliza do poema para a ilustração da gramática. Uma abordagem bem utilizada pelos nossos livros didáticos. Um enfoque dentro desses parâmetros não considera que o aluno precisa refletir e constituir uma relação mais íntima com a leitura do poema para inferir-lhe sentidos. As atividades com respostas prontas, que visam um caráter utilitarista e que desconsideram as experiências e interesses de cada um, é o que predomina. Nessa direção, Gebara comenta a leitura do texto poético no livro didático:

Após a apresentação material do texto para a leitura, os livros didáticos abrem espaço para atividades de reconhecimento e compreensão. A experiência que poderia ser obtida com a leitura e reelaborada por meio da troca de opiniões em grupo na sala, deve desembocar nas linhas já determinadas da página da seção de atividades, sem que o aluno possa se expressar (GEBARA, 2002, p. 24).

Diante desses posicionamentos, encontramos pouco espaço para a leitura com suas múltiplas funções e desdobramentos, pois deixamos de considerar o leitor como um sujeito atuante na construção dos vários sentidos que o texto permite e damos a essa leitura um caráter pragmático, como se essa interação trouxesse uma finalidade simultânea. Por isso, “para que a interação poeta-texto-leitor seja bem-sucedida, não basta um bom texto, é necessário que o leitor se enrede no “como”, compreendendo o desafio que ele propõe” (GEBARA, 2002, p. 40).

Esses problemas que estão sendo discutidos sobre a leitura de poesia permeiam todos os níveis de ensino na escola, mas escolhendo um desses níveis, pensaremos como se pode se estabelecer uma relação estética das crianças com a leitura de poesia. Para uma nova abordagem em que se privilegie a leitura estética dos textos dirigidos para as crianças, um aspecto que não pode ser esquecido é o caráter lúdico na mediação dessas leituras. Essa seria uma das formas de aproximação das experiências encontradas nos poemas, com os mundos inimagináveis sempre presentes no cotidiano da criança. Adotando uma postura dentro desses parâmetros colocamos o evento da leitura estética em aproximação com o jogo.

Dentro dessas semelhanças entre o jogo e a leitura estética, Gebara (2002) traz algumas

aproximações entre essas brincadeiras, pois ambos seriam elementos da cultura, seriam fruto da volição, teriam que se constituir numa relação gratuita, além de ambos serem marcados pela não-literalidade, pois a realidade interna predominaria sobre a externa. E, a existência de regras, seria o aspecto que mais aproximaria os dois, pois se no jogo é necessário se cumprir regras para vencê-lo, na leitura estética também o leitor precisa perceber alguns índices de significação do poema e vivenciá-los. Nas palavras de Gebara,

Assim como o jogador, o leitor pode seguir um modelo ou agir de forma empírica, apoiando-se nos seus erros e acertos. Não se provou qual a forma mais adequada, mas, em ambiente escolar, espaço de sistematização, há uma orientação, um modelo que pode ser utilizado como parâmetro para as aproximações efetuadas na leitura, facilitando esse contato (GEBARA, 2002, p. 40).

O professor pode buscar formas de leitura, que ressaltem alguns desses elementos e propiciem a percepção das crianças, sem a necessidade de conceituar todos os níveis em que um poema pode ser estudado. Diante disso, percebemos que a poesia destinada para o público infantil não precisa deixar o caráter de inovação com o código linguístico, nem de se ter um trabalho em alguns de seus níveis, como o lexical, o fonético e fonológico e o nível sintático.

3 Poesia infantil de origem popular

O ensino de poesia na escola se esquece, na maioria das vezes, que a criança de forma inconsciente já mantém relações com a poesia. Esse contato se dá pela poesia infantil de origem popular, aspecto discutido por Bordini (1991, p.38) - “O poema infantil, nas suas diversas modalidades de origem popular ou culta, orientado ora para o gozo corporal do som, ora pra o prazer fantástico das imagens, ora para o jogo ideológico com a existência do leitor, constitui um repto para a criança”.

Então, quem quando criança não brincou de roda, embalando essas brincadeiras com alguma das cantigas típicas populares? Rememoramos como estas, tantas outras brincadeiras de criança que se utiliza de construções poéticas. De acordo com Bordini, as construções temáticas que circulam no meio popular são marcadas por algumas noções morais ou fatos que se resolvem por meios supersticiosos, como percebemos em suas palavras:

De conteúdo nocional duvidoso, é comum nesses textos a explicação pelo dado empírico isolado ou pelo filtro as superstições e credices, mas é graça à sua desassomburada franqueza que deles a criança pode dar o salto para o entendimento de como a realidade é torcida pelos temores e desejos (BORDINI, 1991, p.43).

A aproximação desse universo permite à criança a concretização de seus pequenos desejos e aguça a fabulação para sair desse mundo regido por regras. Mesmo que algumas

construções soem ilógicas e nocionais, no momento da brincadeira, das repetições permitida pela musicalidade dos versos, essas são esquecidas e faz com que se instaure uma áurea envolvente, que contribui para a sensibilização da criança.

A poesia é vivenciada pela criança pelo contato com parlendas, quadras, cantigas de roda, como lembra Bordini no capítulo “A poesia é de todos”. Acrescentando uma manifestação popular as apresentadas por Bordini (1991), sugerimos a literatura de cordel.

Muitas dessas produções buscam uma aproximação com o infante, na representação dos variados animais de nossa fauna. Assim, encontramos esse olhar para a natureza nos nossos poetas populares, como também em poetas da literatura culta, como Vinicius de Moraes em *Arca de Noé* e Sidônio Muralha, que na década de 1970 publica os livros *A Televisão da bicharada* e *A dança dos pica-paus*.

Na literatura de cordel as temáticas são classificadas por ciclos, que para Sobrinho (2003), o ciclo que abarcaria essas histórias é denominado *Fabulação*, sendo composto por “histórias nascidas da imaginação dos poetas populares comparando a vida dos animais com a humana” (SOBRINHO, 2003, p. 110).

Algumas produções em cordel mais antigas que compõem esse ciclo são citadas por Sobrinho (2003), como o *Casamento do bode com a raposa*, de autor desconhecido; *A Festa Dos Bichos*, de Firmino Teixeira do Amaral. Além de outros folhetos, como *No tempo em que os bichos falavam* (1977), de José Francisco Borges, bem como produções mais recentes como *Os animais têm razão* (2010), de Antônio Francisco e duas antologias organizadas pelo pesquisador Hélder Pinheiro, que trazem os animais como foco, são elas: *Pássaros e bichos na voz de poetas populares* (2004) e *Outros pássaros e bichos na voz de Poetas populares* (2011).

4 Com pássaros e bichos na sala de aula: um encontro com algumas alternativas

Algumas sugestões metodológicas de trabalho com o texto poético são dadas por Pinheiro (2007) em seu livro *Poesia na sala de aula*. Embora todas as sugestões sejam ricas, escolhemos para discutir nesse trabalho a literatura de cordel, já que a poesia advinda do meio popular pode estabelecer uma aproximação com o leitor, podendo ser uma porta de entrada para a vivência com a poesia. Para Pinheiro (2007, p. 72), “[...] a escola precisa, com regularidade, levar esses poemas para a sala de aula. A cultura popular tem vitalidade e riqueza de experiências e privar os alunos de seu conhecimento é empobrecê-los cada vez mais”.

De posse dessa sugestão de trabalho com a literatura de cordel na sala de aula,

escolhemos para a apresentação nesse trabalho duas antologias permeadas pelo mundo da fabulação, também organizadas pelo professor Hélder Pinheiro, intituladas *Pássaros e bichos na voz de poetas populares* (2004) e *Outros pássaros e bichos na voz de poetas populares* (2011), que podem ser adotadas nas séries iniciais do ensino básico.

O primeiro livro é composto por várias sextilhas recolhidas, que trazem como protagonistas uma diversidade de animais, como o pica-pau, a formiga, a borboleta, entre tantos outros animais domésticos e selvagens. Nessa antologia, encontramos as sextilhas “O peru” e “O bode e o porco” do folheto *No tempo em que os bichos falavam*, de J. Borges.

No segundo livro o encontramos dividido em núcleos temáticos e os animais vivenciando as situações mais diversas, como a reunião no forró, na venda, no campo e em situações de brincar de adivinhar, nas quais o leitor para saber a resposta precisa movimentar o livro na direção contrária, já elucidando uma situação de brincadeira com o próprio livro. Dessa vez, não apenas sextilhas compõem o livro, mas também setilhas e décimas, retiradas de folhetos mais longos. A capa dos dois livros é ilustrada com as xilogravuras dos animais em preto e branco que serão retomadas dentro livro no diálogo com os poemas.

De posse de um material rico como esse, o professor pode lançar mão de algumas estratégias metodológicas para vivenciar junto com seus alunos os vários sentidos que o poema suscita. Assim, o professor pode iniciar a aula falando dos animais de estimação, que os alunos possam eventualmente ter, ou gostariam de ter. Logo após, estimular os alunos a lembrarem quais os sons característicos emitidos por esses animais.

Em seguida, mostrar a capa da primeira antologia *Pássaros e bichos na voz de poetas populares* (2004) e pedir que pela xilogravura escolham de quais os animais eles gostariam que fossem lidos os poemas para a turma. Se possível, apresentar para os alunos alguns folhetos no seu formato original que tragam a temática trabalhada, e falar que as xilogravuras foram criadas para ilustrar essas capas. Como são leitores infantis iniciantes não tem como mostrar o contexto de produção dessa arte ou o significado que essa ilustração traz para os folhetos, no entanto, quando o cordel for levado para o fundamental II e para o nível médio, esse aspecto pode ser explorado. Mas o contato do leitor iniciante com esse tipo de produção já é algo significativo.

Após essa vivência inicial pode-se partir para a leitura das sextilhas escolhidas. Esse momento de *leitura em voz alta* é uma característica essencial para o trabalho com a literatura, principalmente, com o poema. Segundo Pinheiro, “[...] a leitura que não seja minimamente adequada compromete a apreciação e o reconhecimento do valor da obra. Ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realidade objetiva” (PINHEIRO,

2007, p.34).

No tocante à leitura do cordel, não podemos fugir desse aspecto, pois a leitura expressiva pode sugerir para os alunos alguns dos sentidos pela sonoridade, pelo realce dado a algumas palavras importantes para o significado geral do cordel. Então, a leitura e a releitura é um princípio primordial, da mesma forma que o treino para essa leitura também. Segundo Pinheiro & Lúcio (2012, p. 129), “esta repetição ajudará a perceber o ritmo, encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entonações de modo adequado.” Essa repetição em níveis iniciais de leitura sempre é comum, pois se a criança gostou do que foi lido pedirá várias vezes para que se repita a sua leitura.

Outra sugestão enfatizada por Pinheiro (2007) e Pinheiro & Lúcio (2012) é *privilegiando o debate*, que pelo que percebemos permeia todas as outras sugestões e está presente tanto na abordagem da poesia dita mais culta, como no cordel, pois qualquer poesia lida em sala de aula pede uma discussão sobre as impressões tidas do poema.

O debate pode girar em torno de vários aspectos presentes no poema, sempre buscando uma reflexão do que foi lido. Então, questionar se os alunos concordam com as características faladas dos animais, com o espaço que eles habitam, com as situações que o envolvem. Numa das sextilhas sobre a borboleta, perguntar o porquê das borboletas serem comparadas com as dançarinas, quais os movimentos desse animal que lembram isso. Passemos à leitura do poema:

Naquele tempo existia
Teatro da natureza
Borboleta era querida
Por sua grande beleza,
Era a melhor dançarina
Que se via na redondeza.
(Zé Vicente)

Nessa conversa, a articulação das duas linguagens é caminho interessante. O professor pode explorar o aspecto imagético, perguntar se quando eles ouviram a leitura, como eles pensaram que era essa borboleta, ela é parecida com a representada na xilogravura ou teria outras cores, seria maior ou menor...

Continuando com a temática da fabulação, o professor pode ler um cordel no qual os animais participem de uma situação inusitada, com aspectos que aproximam mais do caráter fabular. Uma sugestão seria “No forró da bicharada”, presente na segunda antologia *Outros pássaros e bichos na voz de poetas populares* (2011), organizada pelo professor Hélder Pinheiro e Marcelo Soares.

Primeiramente, em um processo semelhante ao da leitura das sextilhas, o professor

convida os alunos a ouvirem uma história com a reunião de vários bichos e tenta adequar à voz a leitura humorística que perpassa as sextilhas do folheto. Então, apreciemos a leitura do cordel:

Afinal chegou o dia
Da grande reunião
Começou a chegar bichos
Da mais alta posição
Num salão todo enfeitado
Era a recepção.

Chegou logo o elefante
A Girafa e o camelo
E a Onça suçuarana
Trajando fino modelo
E o Bode todo cheiroso
Endireitando o cabelo.

Depois chegou o Veado
O urso e Capivara
O avestruz e a Águia
O papagaio, a Arara
E o mestre Tamanduá
Passando a língua na cara.

A Garça toda vaidosa
Chegou metida a grã-fina
Toda vestida de branco
por ser rica bailarina
Fazendo inveja ao Pavão
Num traje de seda fina.

Finalmente chegou toda
Bicharada que existia
No reino dos animais
Reinava grande alegria
O rei recebeu a todos
Com a maior cortesia.

O Camelo era o juiz
Elefante o delegado
O Cavalo era doutor
E o Burro advogado
Porco-espinho era inspetor
E o cachorro soldado.

O Galo era cantor
O Macaco era ferreiro
O Veado era ministro
O Bode safoneiro
O Lobo era marchante
E o boi era sapateiro.
O rei Leão começou
Dançar com dona Leoa
Outros entraram na dança
E acharam a farra boa
O rei gritou: - Emburaca
Aqui ninguém enjoa!

(Apolônio Alves dos Santos)

Em seguida, o professor pode conversar com os alunos sobre a situação que envolve os animais no cordel, formulando alguns questionamentos: É comum os animais participarem de festas? Qual seria “o salão todo enfeitado” que poeta se refere no poema e que é representado na xilogravura? O que eles acham das profissões dadas aos animais? Qual animal que não foi ao forró, mas que deveria ter ido? Quais os animais falados no cordel que não foi ilustrado?

Tendo proporcionada essa experiência com o poema pode ser feito um trabalho de criação com a produção de desenhos, para as crianças ilustrarem um animal que faltou nessa reunião de bichos no forró. Além, de outras formas de vivência com os poemas, que pode alinhar literatura e outras artes, como o teatro, fazendo uma adaptação ou jogo dramático, como sugere Pinheiro (2012).

Outra sugestão que pode ser feita são leituras comparadas. O professor poderá levar textos que dialoguem com “No Forró da bicharada”, como por exemplo, *Os Animais têm razão*, do poeta

Antônio Francisco. Portanto, a partir de vivências como estas as experiências se tornam mais ricas e significativas para a formação do leitor literário.

Conclusão

Durante as discussões sobre a poesia infantil e escola tentamos refletir sobre a importância do contato da criança com a poesia. Lembramos que essa proximidade é bem fecunda no tempo da infância, muitas vezes, antes da entrada na escola, principalmente, com a poesia de origem popular.

A escola adormece esse primeiro contato, lembrando apenas da poesia de forma descompassada e da poesia popular na semana do folclore. Mas esse enlace da poesia infantil culta com a poesia popular pode ser um caminho interessante para a vivência poética na escola, pois em alguns aspectos conseguimos aproximações, como por algumas temáticas retratadas nos versos.

Diante disso, sugerimos o trabalho com a temática da fabulação, trazendo a aproximação do homem com a natureza, situações que faz parte do universo infantil. A literatura de cordel com suas rimas marcadas, com a representação dos animais em situações perpassadas pelo humor, além das xilogravuras colorindo essas situações, não podem deixar de se apresentar na escola.

Portanto, para uma experiência de leitura com o poema ser significativa, a procura de formas metodológicas diferenciadas, que proporcione uma leitura estética é algo primordial. Sendo assim, a leitura oral desses poemas e a conversa sobre os sentidos que o poema trouxe para o leitor, sempre essas ações sendo perpassada pelo caráter lúdico, pode aproximar e sensibilizar o leitor iniciante. Destarte, brincar de poesia se enredando nos seus encantos rítmicos, sonoros e imagéticos pode ser um dos caminhos para a formação de leitores de poesia.

Referências Bibliográficas

- 1] ALVES SOBRINHO, José. **Cantadores, Repentistas e Poetas Populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- 2] BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1986.
- 3] BORGES, José Francisco. **No tempo em que os bichos falavam**. Recife: Casa das crianças de Olinda, 1977.
- 4] GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças**. São Paulo: Cortez, 2002.
- 5] MELO, Antônio Francisco. **Os animais têm razão**. 2 ed. Ilustração de Rafael Limaverde. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.
- 6] PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- 7] _____. **Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- 8] PINHEIRO, Hélder (Org). **Pássaros e bichos na voz de poetas populares**. Ilustração de Antônio Lucena. Campina Grande: Bagagem, 2004.
- 9] PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **O Cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- 10] PINHEIRO, Hélder; SOARES, Marcelo (Orgs). **Outros pássaros e bichos na voz de poetas populares**. Ilustração de Marcelo Soares. Campina Grande: Bagagem, 2011.

ⁱAutor(es)

Andréia Maria da Silva Lopes, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, desenvolvendo a pesquisa de mestrado na Linha Literatura e Ensino.

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

andreia.llopes@hotmail.com

ⁱⁱ **Hadooock Ezequiel Araújo de Medeiros, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, desenvolvendo a pesquisa de mestrado na Linha Literatura e Ensino.**

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

hadooockezequiel@hotmail.com